

ALDA LARA



POESIA

CADERNOS

18

LAVRA & OFICINA

Eis uma voz poética desaparecida já do nosso seio mas cujos ecos perduram. É que a **angolanidade** da poesia de Alda Lara (1930 - 1962) é uma qualidade interior à sua poesia, implícita, intrínseca. O que lhe dá a perduração. O que a faz sempre viva, entre nós. Esta selecção de poemas destina-se a revelar junto de novos leitores, de leitores jovens, aquela que foi um dos poetas mais activos e actuantes do surto moderno da poesia nacional, que se levantou em oposição à alienação cultural do ocupante colonial-fascista. Apenas uma introdução à sua obra poética.

REFERÊNCIA

PREÇO
2500

ALDA LARA

LUCIO LARA

POESIA

CADERNOS

18

LAVRA & OFICINA

TESTAMENTO

A prostituta mais nova
do bairro mais velho e escuro,
deixo os meus brincos, lavrados
em cristal, límpido e puro...

E àquela virgem esquecida
rapariga sem ternura,
sonhando algures uma lenda,
deixo o meu vestido branco,
o meu vestido de noiva,
todo tecido de renda...

Este meu rosário antigo
ofereço-o àquele amigo
que não acredita em Deus...

E os livros, rosários meus
das contas de outro sofrer,
são para os homens humildes,
que nunca souberam ler.

Quanto aos meus poemas loucos,
esses, que são de dor
sincera e desordenada...
esses, que são de esperança,
desesperada mas firme,
deixo-os a ti, meu amor...

Para que, na paz da hora,
em que a minha alma venha
beijar de longe os teus olhos,

vás por essa noite fora...
com passos feitos de lua,
oferecê-los às crianças
que encontrares em cada rua...

AS BELAS MENINAS PARDAS

As belas meninas pardas
são belas como as demais.
Iguais por serem meninas,
pardas por serem iguais.

Olham com olhos nõ chão.
Falam com falas macias.
Não são alegres nem tristes.

São apenas como são,
todos os dias.

E as belas meninas pardas,
estudam muito, muitos anos.
Só estudam muito. Mais nada.
Que o resto, traz desenganos...

Sabem muito escolarmente.
Sabem pouco humanamente.

Nos passeios de domingo,
andam sempre bem trajadas.
Direitinhas. Aprumadas.
Não conhecem o sabor que tem uma gargalhada
(Parece mal rir na rua!...)

E nunca viram a lua,
debruçada sobre o rio,
às duas da madrugada.

Sabem muito escolarmente.
Sabem pouco humanamente.

E desejam sobretudo, um casamento decente...

O mais, são histórias perdidas...
Pois que importam outras vidas,?...
outras raças?... outros mundos?...
que importam outras meninas,
felizes, ou desgraçadas?!...

As belas meninas pardas,
dão boas mães de família,
e merecem ser estimadas...

1969 (FEVEREIRO)

CÍRCULO

Todo o caminho é belo se cumprido.
Ficar no meio é que é perder o sonho.
É deixá-lo apodrecer, no resumido
círculo, da angústia e do abandono.

É ir de mãos abertas, mas vazias,
de coração completo, mas chagado.
É ter o sol a arder dentro de nós,
cercado,
por grades infinitas ...

Culpa de quem, se fiz o que podia,
na hora dos descantes
e das lidas?

Ah! ninguém diga que foi minha!
Ah! ninguém diga ...

Minha, a culpa,
de ter dentro do peito,
tantas vidas! ...

MATERNIDADE

Dentro de mim,
é que trago
a voz que se não cala,
e a força
que não mais se apaga...

Dentro de mim
e que o caudal-anseio alaga,
e correndo
há-de ir, de mar em mar,
levar
ao fim da terra,
um sinal de infinito...

Dentro de mim,
do meu sangue nutrida,
e sustentada,
é que a voz não é soluço
mas grito!

Dentro de mim,
eco de paz ou de alerta,
dentro de mim,
é que a eternidade é certa!...

HERANÇA

Meu filho:
que os teus braços sejam longos
como a minha esperança
nos longos dias ...
e o teu corpo, que antevejo,
venha flexível e liso,
como a justiça que desejo ...
Que os teus olhos nasçam poços
onde repouse p'ra sempre
a paz do tempo todo,
e o teu peito seja,
tão grande e tão profundo,
que lhe possa confiar o mundo ...

Não perguntes porque vim ...
trazendo não-flores nos dedos,
falando línguas diferentes,
dizendo em risos-segredos,
todos os sonhos dementes ...

Não perguntes porque vim ...

Se pudesses entender
este pulsar sem medida
terias chegado ao fim ...

Mas estou junto a ti,
irmão,
diz-me então,
que mais te importa?

Não perguntes porque vim ...

ANÚNCIO

Trago os olhos naufragados
em poentes côr de sangue ...

Trago os braços embrulhados
numa palma bela e dura,
e nos lábios, a secura,
dos anseios retalhados ...

Enroladas nos quadris,
cobras mansas que não mordem,
tecem serenos abraços ...
E nas mãos, presas com fitas,
azagaias de brinquedo
vão-se fazendo em pedaços ...

Só nos olhos naufragados
estes poentes de sangue ...

Só na carne rija e quente,
este desejo de vida!

Donde venho, ninguém sabe,
e nem eu sei!

Para onde vou, diz a lei
tatuada no meu corpo ...

E quando os pés abram sendas,
e os braços se risquem cruces,
quando nos olhos parados,
que trazemos naufragados
se entornarem novas luzes,

Ah! quem souber,
há-de ver
que eu trago a lei
no meu corpo! ...

PRELÚDIO

Pela estrada desce a noite ...
Mãe-Negra, desce com ela ...

Nem buganvílias vermelhas,
nem vestidinhos de folhos,
nem brincadeiras de guisos,
nas suas mãos apertadas.

Só duas lágrimas grossas,
em duas faces cansadas.

Mãe-Negra tem voz de vento,
voz de silêncio batendo
nas folhas do cajueiro ...

Tem voz de noite, descendo,
de mansinho, pela estrada ...

Que é feito desses meninos
que gostava de embalar? ...

Que é feito desses meninos
que ela ajudou a criar? ...
Quem ouve agora as histórias
que costumava contar? ...

Mãe-Negra não sabe nada...

PRÉLUDIO

Mas ai de quem sabe tudo,
como eu sei tudo
Mãe-Negra!...

Os teus meninos cresceram,
e esqueceram as histórias
que costumavas contar...

Muitos partiram p'ra longe,
quem sabe se hão-de voltar!...

Só tu ficaste esperando,
mãos cruzadas no regaço,
bem quieta bem calada.

É tua a voz deste vento,
desta saudade descendo,
de mansinho pela estrada...

PRESEÇA AFRICANA

E apesar de tudo,
ainda sou a mesma!
Livre e esguia,
filha eterna de quanta rebeldia
me sagrou.
Mãe-África!
Mãe forte da floresta e do deserto,
ainda sou,
a Irmã-Mulher
de tudo o que em ti vibra
puro e incerto...

A dos coqueiros,
de cabeleiras verdes
e corpos arrojados
sobre o azul...
A do dendém
nascendo dos abraços das palmeiras...

A do sol bom, mordendo
o chão das Ingombotas...
A das carícias rubras,
salpicando de sangue as avenidas,
longas e floridas...

Sim!, ainda sou a mesma.
A do amor transbordando

pelos carregadores do cais
suados e confusos,
pelos bairros imundos e dormentes
(Rua 11! ... Rua 11! ...)
pelos meninos
de barriga inchada e olhos fundos ...

Sem dores nem alegrias,
de tronco nu
e corpo musculoso,
a raça escreve a prumo,
a força destes dias ...

E eu revendo ainda, e sempre, nela,
aquela
longa história inconsequente ...

Minha terra ...
Minha, eternamente ...

Terra das acácias, dos dongos,
dos cólios baloiçando, mansamente ...

Terra!

Ainda sou a mesma.

Ainda sou a que num canto novo

pura e livre,

me levanto,

ao aceno do teu povo!

REGRESSO

Quando eu voltar,
que se alongue, sobre o mar,
o meu canto ao Creador!
Porque me deu, a vida e amor,
para voltar...

Voltar...

Ver de novo baloiçar
a fronde magestosa das palmeiras
que as derradeiras horas do dia,
circundam de magia...

Regressar...

Poder de novo respirar,
(oh!... minha terra!...)
aquele odor escaldante
que o húmus vivificante
do teu solo encerra!

Embriagar

uma vez mais o olhar,
numa alegria selvagem,
com o tom da tua paisagem,
que o sol,
a dardejar calor,
transforma num inferno de côr...

Não mais o pregão das varinas,
nem o ar monótono, igual
do casario plano ...
Hei-de ver outra vez as casuarinas
a debruar o oceano ...
Não mais o agitar fremente
de uma cidade em convulsão ...
não mais esta visão
nem o crepitar mordente
destes ruídos ...
os meus sentidos
anseiam pela paz das noites tropicais
em que o ar parece mudo,
e o silêncio envolve tudo
Sêde ... Tenho sêde dos crepúsculos africanos
todos os dias iguais, e sempre belos,
de tons quási irreais ...
Saudade ... Tenho saudade
do horizonte sem barreiras ...
das calemas traiçoeiras,
das cheias alucinadas ...
Saudade das batucadas
que eu nunca via
mas pressentia
em cada hora,
soando pelos longes, noites fora! ...
Sim! Eu hei-de voltar,
tenho de voltar,
não há nada que mo impeça.

Com que prazer
hei-de esquecer
toda esta luta insana...
que em frente está a terra angolana,
a prometer o mundo
a quem regressa...

Ah! quando eu voltar...
Hão-de as acácias rubras,
a sangrar
numa verbena sem fim,
florir só para mim!...
E o sol esplendoroso e quente,
o sol ardente,
há-de gritar na apoteose do poente,
o meu prazer sem lei...
A minha alegria enorme de poder
enfim dizer:

Voltei!...

RUMO

É tempo companheiro!
Caminheemos...
Longe, a Terra chama por nós,
e ninguém resiste à voz
da Terra!...

Nela,
o mesmo sol ardente nos queimou
a mesma lua triste nos acariciou,
e se tu és negro,
e eu sou branca,
a mesma Terra nos gerou!

Vamos companheiro!
É tempo...
Que o meu coração
se abra à mágoa das tuas mágoas
e em prazer dos teus prazeres
irmão:
que as minhas mãos brancas
se estendam
para estreitar com amor
as tuas longas mãos negras...
E o meu suor,
quando rasgarmos os trilhos
de um mundo melhor.

Vamos!
que outro aceno nos inflama...
Ouves?
É a Terra que nos chama...

E é tempo companheiro!
Caminhemos...

POEMA

Os gritos perderam-se sem encontrar eco.
Os punhos cerrados e os ódios calados,
dividiram os Homens,
que se não reconheceram mais ...

Mas as lágrimas cavaram sulcos fundos
nos olhos vazios de esperança,
e os sulcos não se apagaram ...

POESIA

autor

Alda Lara

colecção

Cadernos Lava & Oficina

capa

U. E. A.

composição e impressão

Lito-Tipo, Lda.

edição

1.º/Abril, 1979

tiragem

10 000 exemplares

editora

União dos Escritores Angolanos
Caixa Postal 2767-C — Luanda
República Popular de Angola

cadernos lavra & oficina

lançamentos em 1979

15 — SOBRE A CULTURA NACIONAL
Agostinho Neto

16 — 21 POEMAS NA CADEIA
António Cardoso

17 — O CÍRCULO DE GIZ DE BOMBÓ
Henrique Guerra

18 — POESIA
Alda Lara

ARQUIVO L. LARA



UNIÃO DOS ESCRITORES ANGOLANOS

1201